

Apresentação

Dossiê: Formas do coletivo na literatura brasileira moderna e contemporânea

O dossiê que aqui apresentamos se constituiu a partir de uma chamada interessada nas complexidades próprias à figuração da coletividade na literatura brasileira moderna e contemporânea. Ao visar esse arco temporal que congrega e tensiona reciprocamente procedimentos artísticos do início do século XX ao início do XXI, o que convocava nosso interesse era a presença de diferentes modos de trabalhar com a matéria heterogênea do social, seja nas montagens e na heteroglossia do modernismo de 1922, seja nas formas geminadas e corais que, nos termos de Flora Süssekind, despontaram na literatura da Nova República.

Em ressonância a esse caráter amplo e variado e ao espírito aberto da chamada, o dossiê oferece artigos muito diversos entre si, tanto no que se refere às orientações teóricas e críticas quanto aos períodos, temáticas e repertórios literários analisados. Alternam-se obras e movimentos bem conhecidos e outros ainda pouco cartografados. As diferentes expressões literárias e artísticas presentes parecem exigir um conceito muito amplo e heteróclito de coletividade, ou melhor, de coletividades, capaz de levar em conta – junto aos textos e artistas mais canônicos, a irrupção de literaturas e de cosmovisões ameríndias, performances de *slams* das periferias urbanas e trabalhos de autoras e autores afrodiaspóricos, experiências que operam diferentes transformações sobre os conceitos tradicionais da teoria, da história e da crítica literária. Trata-se de uma diversidade que, em princípio, não facilita a busca de correntes articuladoras ou de problemas partilhados, assinalando, antes, para um conjunto que destaca disjunções, fraturas e dispersões.

Não obstante, com base na coleta de ensaios aqui reunidos, tentamos esboçar o desenho de alguns eixos que teriam se destacado, atravessando diferentes contribuições do dossiê. O primeiro deles trata das tensões entre a formalização literária e os processos histórico-sociais

desdobrados nos séculos XX e XXI, no intervalo entre a lida com os restos de uma modernização periférica e a necessidade atual de arranjar criticamente as múltiplas vozes do corpo social para se contrapor aos modos digitais contemporâneos de criar e gerir comunidades aparentemente homogêneas, bolhas algorítmicas teleguiadas, que se confrontam umas com outras, na lógica do que Flora Süssekind chamou de “coros teleguiados de massa”, como parte essencial de uma “tecnopolítica neofascista”.¹ Destaque-se também o eixo que reúne os estudos sobre dilemas do testemunho, do trauma e do luto, na sua dimensão individual e coletiva, que se desdobram da vasta produção literária que tem se erguido, desde o primeiro momento, contra o esquecimento e a suturação apressada das feridas deixadas pelas ditaduras civil-militares do século XX e seus resquícios de violência e autoritarismo ainda visivelmente vigentes na Nova República, sobretudo no deslocamento da repressão, da tortura e do assassinato para as periferias urbanas, sob o auspício do aparato estatal e de suas conexões com o crime organizado.

Na esteira dessa experiência, um terceiro vetor se destaca, dedicado à prosa e à poesia contemporânea que buscam elaborar a resistência à exclusão simbólica de uma diversidade de corpos: de mulheres, negros, minorias de gênero, indígenas, imigrantes. São corpos que lutam a cada dia contra as formas contemporâneas de coisificação, subalternização, precarização do trabalho e da vida, exigindo o reconhecimento de sua agência como sujeitos individuais e coletivos, como corpos enlutáveis, corpos que merecem ser chorados, que importam. Nesse eixo, as reflexões teóricas sobre a biopolítica, a necropolítica, o feminismo negro e as epistemologias não ocidentais têm se mostrado muito profícuas. Elas também não deixam de alimentar um quarto e último eixo de nosso dossiê, que, em diálogo com a virada ontológica da antropologia ou com a filosofia política contemporânea, analisa a produção literária brasileira que o inspira a reelaborar noções como o cosmopolitismo, a comunidade, o comum, a autoria (coletiva, individual ou mesmo transespecífica).

A primeira peça do dossiê é uma entrevista com a crítica Flora Süssekind, na qual buscamos compreender como o conceito de coralidade foi tomando forma ao longo das intervenções críticas que a autora produziu sobre a arte, a história e a sociedade brasileira à medida que acompanhava de perto os desdobramentos da Nova República. Dentro desse arco, múltiplos dilemas aparecem: tais como as mutações da historicidade, a dilemática inserção do país numa economia financeira globalizada, a apropriação crítica, para o contexto brasileiro, de alguns debates franceses recentes sobre comunidade, coro e luto (Mégevand, Loraux); o problema dos meios e de suas (in)especificidades na arte contemporânea; as afinidades e diferenças entre as coralidades contemporâneas e procedimentos modernistas como a montagem e a colagem; além de uma visada mais geral sobre seu percurso crítico e a recepção do seu mais recente livro.

As reflexões de Süssekind permitem perceber como a questão da inorganicidade e da dissonância no exercício de imaginar e dar forma ao coletivo é uma característica de longa data na literatura e na arte brasileira. No entanto, a partir da ditadura, que deixou cair o projeto modernizador integrador, nacional-popular, das décadas anteriores, a questão da desagregação, entendida como dinâmica de fundo do processo social, ganhou um novo peso e uma nova urgência. Assim, segundo o conhecido diagnóstico de Roberto Schwarz em “Fim de século” [1994], a tarefa da crítica contemporânea consistiria no “acompanhamento” da “desintegração”

¹ Cf. “Coros contra coros: a tecnopolítica parasitária & as formas geminadas de fabulação”, In: *Coros, contrários, massa*. Recife: CEPE, 2022, p. 604.

do país, do “nós”, em fazer a sua “crítica especificada”.² Por sua parte, no mesmo marco histórico, outros autores, como Haroldo de Campos, propuseram a tradução crítica como tarefa voltada a tensionar a “pluralidade de poéticas possíveis”.³ Os ensaios mais recentes de Sússekind reunidos no livro *Coros, contrários, massa*⁴ abrem caminho para conceituar, nas obras e na própria experiência histórica, formas coletivas apartadas tanto de uma convergência harmônica ou apaziguada de suas diferenças internas (própria de certo anseio transculturador moderno que caracterizou boa parte do século XX) quanto de um convívio imediato com o heteróclito característico de políticas culturais contemporâneas (na esteira da reflexão de Marcos Siscar sobre o discurso de uma diversidade que parece querer se furtar à prova da adversidade⁵).

Sússekind procura na produção artística recente corralidades radicalmente heterogêneas, marcadas pela discrepância e pela dissonância, que germinam e qualificam criticamente essa heterogeneidade, gesto que as difere daquilo que Nuno Ramos chamou de “estridência”, referindo-se à expansão “viral” do fascismo bolsonarista em plena pandemia⁶. Poderíamos assim sugerir que o desafio – tanto artístico quanto teórico – estaria em captar, em meio à estridência contemporânea e seus “coros de ódio”, a possibilidade de “geminacões críticas”, ainda nos termos de Sússekind. Diferentes tradições críticas lidaram com essa questão ao refletirem sobre distintos estratos da historicidade da literatura brasileira, sendo possível aqui lembrar, a título de exemplos, a análise de Roberto Schwarz sobre a multiplicidade conflitiva e incômoda das vozes anônimas que habitam a poesia de Francisco Alvim⁷; ou ainda a leitura de Roberto Zular acerca dos diversos modos de lidar com a heterogeneidade fala/escrita na poesia modernista, no seu ensaio “O cipó das falações”⁸. Assim, conceitualizar essas heterogeneidades – a um só tempo dispersas e articuláveis – como formas de coletividade seria uma espécie de urgência teórica ao mesmo tempo contemporânea (como toda urgência, que retorna sob novas figuras) e de longa data.

Afinal, como demonstra Mario Cámara no primeiro artigo do dossiê, “Cosmopolitismos discrepantes, hibridez y comunidad en crisis. Interrogaciones en torno a un concepto de Silviano Santiago”, isso está longe de ser um problema novo para a literatura brasileira. Movimentos como o do modernismo de 22 já haviam configurado “um espaço convivencial, mas não necessariamente cordial” para imaginar coletivos baseados numa espécie de “discrepância radical”, tarefa que, como temos indicado, caracteriza boa parte da produção artística e teórica contemporânea. Insistindo nessa continuidade, Cámara argumenta que, para críticos como Silviano Santiago, “o programa do modernismo é ainda o mais adequado para algo como a administração das temporalidades, ancestralidades e línguas divergentes que circulam pelo Brasil”. É uma tese que certamente perdeu o teor de evidência de que outrora gozava no campo brasileiro de estudos literários, mas cuja retomada e reelaboração – realizada em

² “Fim de século”. In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.197.

³ “Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação: o poema pós-utópico”. In: *O arco íris Branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.243-269.

⁴ Publicado pela CEPE Editora em 2022, cf. nota 1.

⁵ SISCAR, Marcos. “O tombeau das vanguardas: a ‘pluralização das poéticas possíveis’ como paradigma crítico contemporâneo”. *Alea*, v. 16, n. 2, 2014, p. 442.

⁶ RAMOS, Nuno. “O baile da Ilha Fiscal”. *Fooquedeu (um diário)*. São Paulo: Todavia, 2022.

Brasil enfrenta duplo apocalipse com Bolsonaro e Corona Vírus”, *Folha de São Paulo*, 3 de maio de 2020.

⁷ “Um minimalismo enorme”. In: *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

⁸ ZULAR, Roberto. “No cipó das falações: a forma difícil da poética modernista”. In: ANDRADE, Gênese (org). *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

diálogo com a fortuna crítica recente sobre o modernismo e à luz de acontecimentos como o livro *A queda do céu*, de David Kopenawa e Bruce Albert – permite repensar os limites desse espaço de “ferocidade... sempre à beira de sua própria dissolução” que seria o modernismo e seu legado de cosmopolitismos discrepantes.

Em seguida, Fábio Roberto Lucas e Marcella Faria, dando continuidade ao diálogo entre teoria literária e biologia, em “O viral e o marginal: formas de contágio e recriação de um corpo coletivo na poesia *slam* brasileira” procuram expandir e aprofundar uma oposição recentemente formulada por Sússekind (2022) entre o “viral” ou “parasita”, ligado a formas homogeneizantes, repetitivas e “teleguiadas” de coro, e a noção de “geminação crítica”, onde prevalecem a heterogeneidade e a variação, vinculadas ao que os autores chamam de “marginal”. Nesse contexto, o artigo elabora uma análise de duas performances de *slam* – *Fanta*, de Márcio Ricardo, e *Profecia*, de Kimani – onde formas “virais” que evocam o discurso de pastores evangélicos, muito presentes na periferia de São Paulo, sofrem uma “geminação crítica” quando contaminadas por outras vozes/perspectivas sociais e artísticas.

Em “Mecanismos de busca: coletividades corais anônimas, tecnologias midiáticas e gênero em Angélica Freitas e Cindy Sherman”, Miguel Duarte lê “3 poemas com auxílio do google”, de Angélica Freitas, em contraponto com a série de stills de Cindy Sherman. Atravessando o tempo e o espaço, entre o Brasil do início da década de 2010 e os EUA do fim da década de 1970, o artigo aponta a compreender como as duas artistas armam o jogo de diferentes vozes, em diálogo estreito com o conceito de “coralidade” de Flora Sússekind. Concluindo sua análise com reflexões de Mark Fischer sobre as plataformas das redes sociais, Duarte destaca o modo como a obra de Freitas arma uma visada crítica sobre a coralização unívoca das vozes constituída pela lógica dos mecanismos de busca na internet, abrindo o debate sobre as diferentes formas poéticas e políticas de fazer comunidade.

A recepção de dois artigos sobre *Eles eram muitos cavalos* permite-nos adentrar duas formas de analisar a figuração do coletivo desde estratégias opostas que, contudo, podem dialogar de maneira significativa. A partir das noções de “restos do real” e “campo expandido”, “Um (desen) canto em várias vozes: figurações da coralidade em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato” de Cleonice Freitas lê o romance como uma instalação artística que reúne encenações fragmentárias e heterogêneas que, em consonância com a noção de coralidade de Sússekind, compõem um coro da marginalidade. A materialidade dos corpos arrancados de sua agência como sujeitos e convertidos em espetáculo consumível é exposta em relação de equivalência com o detrito urbano, por meio de um coro dissonante, uma estética dos burburinhos que configura uma coralidade perversa da exclusão. Ativa-se, assim, uma escuta de sons fragmentários que colidem entre si. A autora explicita como a fratura narrativa não apenas ativa a escuta do leitor diante da justaposição sonora, mas também exhibe perante ele uma fratura social de caráter ontológico.

Rafael Lucas Santos da Silva propõe, por sua vez, em “Eles eram muitos e não tinham emprego: narrar o sofrimento após o colapso da modernização na literatura brasileira contemporânea”, a análise aprofundada de “#19 Brabeza” e “#44 Trabalho”, como exemplos de formalização estética do sofrimento psíquico. Em contraste com o texto de Freitas, o trabalho de Silva não busca elucidar as chaves compositivas do romance como um todo, mas aposta na focalização específica da experiência de sofrimento e de sua formalização literária, pois esta última permite iluminar o vínculo estrutural entre a experiência subjetiva do desemprego e a exclusão social enquanto condição imanente da modernidade periférica e de suas formas de organização

social. O sofrimento aparece, então, como cifra subjetiva de uma organização social objetiva que inscreve a obra de Ruffato na longa tradição da literatura brasileira sobre o “homem livre pobre”.

Confrontando também o problema do narrável e inenarrável no contexto ditatorial, Josiele Kaminski Corso Ozelame e Felipe dos Santos Matias, em “Um corpo em construção: literatura e história na obra de Claudia Lage”, propõe uma análise do romance da escritora carioca, nutrindo-se da densa fortuna crítica em torno das relações entre literatura e história, testemunho e trauma, produzida para refletir sobre a ampla produção ficcional constituída a partir da memória da ditadura civil-militar brasileira. A construção de “memórias plurais” capazes de instigar diferentes interpretações – promovida pelo encontro entre ficção e história – mostra-se um fator decisivo na luta contra o autoritarismo que governou o país entre os anos 1960-1980 (e que ainda se mostra perfidamente vivo) e contra o silêncio imposto para além das narrativas de sentido unívoco que ele promove.

Por sua vez, “Como não viver junto? Tensões da comunidade na poesia brasileira contemporânea, a partir do ‘breve ensaio contra minha indiferença à cracolândia do jacaré’”, artigo de Luis Felipe Abreu, debruça-se sobre esse poema de Tatiana Pequeno e procura situá-lo na cena da poesia brasileira contemporânea pós-junho de 2013, contando nesse sentido com uma densa interlocução com reflexões recentes da filosofia política e da crítica de arte em torno da noção de comunidade e seu retorno no debate cultural e político contemporâneo. Busca-se ali compreender como a mais recente geração de poetas do país, e em especial Tatiana Pequeno, herda e reinventa a relação constitutivamente aporética da poesia moderna com a alteridade e os elos que podem formar uma possível (ou impossível) comunidade.

Em “A cidade de Augusto de Campos (com o fantasma de Roberto Piva)”, Renan Nuernberger reflete sobre o forte vínculo entre poesia concreta e cidade a partir de uma análise da “disjunção entre sonoridade e visualidade” no poema “cidade city cite” (1963) de Augusto de Campos, mostrando como a própria forma da obra internaliza os dinamismos e tensões do São Paulo da década de 60, considerando a sua dimensão massiva e coletiva. Na última seção do artigo, Nuernberger ensaia um contraponto original e esclarecedor com a “Visão de São Paulo à noite”, de Roberto Piva, discutindo as possíveis conexões de ambos os poemas com o modernismo de Mário e Oswald de Andrade, enfatizando como todas essas poéticas não compõem “um coro em harmonia”, mas uma “dissonância barulhenta da própria cidade e, com todas as suas fraturas irreconciliáveis”.

“Duas páginas de Rubem Braga na revista Manchete: a tradução do poema ‘On’ de Jacques Prevert”, de Rafael Ireno, mergulha no longo processo tradutório – constituído por ao menos sete retomadas ao longo de 26 anos – por meio do qual o escritor brasileiro não só traduziu esse trabalho do poeta francês, mas também assimilou alguns de seus elementos à escrita de algumas de suas crônicas. Ireno mostra como esse convívio com os versos de Prevert forneceu à prosa de Braga meios para precisar seu olhar sobre os dilemas do Brasil da segunda metade do século XX. Por outro lado, fez também de sua tradução um ato de interpretação mantido em aberto, um espaço de perguntas atravessando (sem necessariamente se limitar a ele) um “projeto intelectual profundo de compreensão do Brasil”.

Em “Reconstituir pai e mãe no corpo da letra: o racismo em cenas de interpelação na literatura contemporânea em *O avesso da pele* e *A água é uma máquina do tempo*”, Vanessa Brandão, Ângela Marquez e Renata Coutinho de Moura, em diálogo com a teoria da desposseção de Judith Butler, e com a ideia de “escrita resistente” de Alfredo Bosi, oferecem uma perspectiva original para refletir sobre o racismo na literatura brasileira contemporânea,

sublinhando a relevância da dimensão formal (e não apenas temática). Nesse marco, as autoras realizam uma leitura de *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, e de *A água é uma máquina de tempo*, de Aline Motta, com especial ênfase na análise das suas estruturas enunciativas, as quais se configuram como “cenas de interpelação” (Butler) capazes de criar vínculos éticos entre sujeitos a partir de diferentes dinâmicas de despossessão. A partir delas, ambas as obras elaboram um trabalho de luto pessoal e coletivo vinculado à experiência da violência racial.

Rafaela Kelsen Dias, por sua vez, analisa a coletânea de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, no artigo “Entre a identidade e a diferença: o essencialismo estratégico na construção do coletivo feminino negro em Conceição Evaristo”. Em diálogo com pensadoras do feminismo negro norte-americano, o ensaio investiga como se inscreve na forma literária das narrativas da escritora brasileira um espaço político de enunciação capaz de figurar o coletivo sem deixar de levar em conta as diferenças que se constituem nas intersecções entre gênero, raça e classe.

Em “Onde toda coisa escreve, o autor é ‘toda uma outra coisa’: a literatura indígena de autoria coletiva no Brasil”, Derick David Santos Teixeira coloca as reflexões de Roland Barthes e de Jacques Derrida a respeito da noção de autoria à prova da recente literatura indígena de criação coletiva produzida no território brasileiro. Abordam-se aqui os conflitos e afinidades entre produções simbólicas oriundas das formas comunitárias de vida entre os povos Huni Kuĩ e Xakriabá e as discussões modernas da teoria literária e de seu questionamento da figura do autor. A questão do “coletivo” se vê assim lançada para um território transespecífico, gesto que se bate contra os limites do individualismo e do humanismo ocidentais.

Em “Violência, Trauma e Reorientação: *Em Câmara Lenta*, de Renato Tapajós”, Gabriel Cordeiro dos Santos Lima apresenta *Em Câmara Lenta* (1976) como uma obra que antecipa, tanto em suas características formais quanto temáticas, aspectos-chave de um novo ciclo da narrativa brasileira contemporânea centrada na violência, aquele que Antonio Candido chamou de “realismo feroz” e Alfredo Bosi de “brutalismo”. Em diálogo com a noção de “escrever sobre trauma” (Seligmann-Silva), Lima analisa como o romance, em sua própria estrutura temporal, fragmentada e “congelada”, elabora os traumas e violências que marcaram a experiência do narrador durante a ditadura, a qual, na lógica do “romance histórico” (Lukács), se articula densamente com a experiência coletiva, oferecendo uma reflexão crítica sobre a militância armada dos anos 1970 e antecipando como o trabalho de luto se tornará uma questão central da literatura brasileira contemporânea.

No trabalho de Adeline Alves Vassaitis, “Adeus às armas: uma leitura de *Quarup* e *Reflexos do Baile*, de Antonio Callado”, encontramos uma análise que contrasta os dois romances como construção de um projeto estético que problematiza as possibilidades de representação romanesca durante a ditadura brasileira: *Quarup* (1967), e *Reflexos do Baile* (1976). O artigo apresenta um exame inovador de duas formas estéticas, nas quais a relação entre matéria histórica e narração exige novas soluções formais. Em *Quarup*, propõe-se um abandono da forma tradicional do romance burguês por meio de uma oscilação narrativa entre o impulso transformador e a hesitação reflexiva. A obra é lida como uma comédia ideológica que expõe os descompassos do processo de modernização periférica no Brasil. Entretanto, a resolução utópica de *Quarup* – orientada para a luta e ainda centrada num “eu” volúvel mas dialogante –, já não parece viável na década seguinte – questão colocada em *Reflexos do Baile*, onde a violência ditatorial destruiu as articulações sociais que poderiam viabilizar uma saída revolucionária. A desconexão entre as camadas populares e as vanguardas intelectuais e revolucionárias traduz-se em uma forma romanesca fragmentária, cuja técnica de montagem combina uma

série de vestígios que levantam a opacidade de um conjunto diverso de vozes, cuja dispersão fecha as vias para vislumbrar um caminho de transformação social.

Em “Entre o insólito e a máquina: o golem de *Pantokrátor* como espelho das tensões do proletariado no século XXI”, Ricardo Celestino discute as apropriações modernas e contemporâneas da figura mítica do “golem” em gêneros literários vinculados ao “insólito literário”. O “golem” torna ambíguos os limites entre o artificial e o humano, possui força desmedida e obediência cega. Segundo o autor, isto permite concebê-lo como um “ícone” (Peirce) do proletariado, capaz de representar literariamente as suas dimensões mais ambivalentes e inquietantes. Em diálogo com o conceito de necropolítica de Mbembe, o artigo analisa o modo em que o escritor brasileiro Ricardo Gondim se apropria da figura do golem no seu romance de ficção científica *Pantokrátor*. Ambientada num Rio de Janeiro distópico, a obra representa uma classe trabalhadora contemporânea composta por golens, caracterizada pela precarização e automatização. Para Celestino, o conteúdo crítico do romance estaria tanto no nível da forma (o “insólito literário”) quanto do próprio enredo, que mostra espaços mínimos de recusa e de agência individual no interior do proletariado.

Por fim, na mesma beira da heterogeneidade e da contaminação de vozes, “Escritas do comum em Silviano Santiago e Mario Bellatin”, de Guilherme Zubaran de Azevedo, parte da noção de comum na biopolítica de Esposito para analisar os romances *Machado* (2016), de Silviano Santiago, e *Flores* (2001), do mexicano Mario Bellatin, bem como os deslocamentos da subjetividade autoral como forma de expropriação de si. A escrita memorialística, os enredamentos mitologizantes da ciência, a doença, a velhice e a singularidade de corpos que se exibem funcionam como constelações que engendram dispositivos narrativos nos quais a subjetividade e a configuração de um eu entram em um movimento de permanente desidentificação e de apropriação do outro/outros, como modo de elaborar um dar-se no plano do comum.

Como já anunciamos no início desta introdução, o percurso pelos artigos aqui reunidos dá conta de um amplo arco literário, teórico e temático, que aponta para diversas estratégias de pensar o coletivo e o comum frente aos limites, possibilidades e violências de um processo de modernização periférica complexo, desigual, precário, bem como das formas de subjetivação e de atomização próprias da ordem neoliberal contemporânea. O trajeto proposto por nossas autoras e nossos autores atravessa tensões, desconstruções e possíveis contaminações presentes em estéticas que elaboram a opacidade, o inespecífico, o fragmentário, a heterogeneidade marginal, as configurações de criação coletiva e as novas epistemologias, a fim de evidenciar a complexidade problemática de nossas corralidades dissonantes, de seus brados e burburinhos, e de suas estratégias de resistência diante das apropriações discursivas dos meios digitais características das tecnopolíticas fascistas. Esperamos que este dossiê possa constituir uma contribuição para esse esforço.

Dezembro 2025

Jorge Manzi (Pontificia Universidad Católica de Chile)

Fábio Roberto Lucas (Pontificia Universidade Católica de São Paulo)

Rebeca Errázuriz-Cruz (Centro de Estudios Americanos, Universidad Adolfo Ibáñez)